



Ação preventiva às Infecções Sexualmente Transmissíveis e Gravidez na Adolescência entre estudantes da Educação Básica

Thiago Bruno Lima da Silva

thiago.bls72@gmail.com

Isla Vanessa Gomes Alves Bastos

islabastos@hotmail.com

Sara Denise de Azevedo Veloso

saraveloso.bio@gmail.com

Anísio Francisco Soares

anisiofsoares@gmail.com

Resumo

No Brasil, as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's) e a gravidez na adolescência são dilemas sociais e de saúde pública. Considerando esse pressuposto, a ação buscou orientar, sensibilizar e estimular a vivência de práticas sexuais seguras e de promoção do planejamento familiar, através de palestras sobre educação sexual, gravidez na adolescência, IST's e machismo. Folders informativos, banners para conscientização e vídeos para exemplificar casos reais foram os principais recursos disponibilizados para os estudantes da educação básica de uma escola estadual da cidade de Recife, PE. Constatou-se que ações como essa previnem a incidência de comportamentos de risco entre adolescentes.

Palavras-chave

Educação Básica; Gravidez na Adolescência; Infecções Sexualmente Transmissíveis.



1 Introdução

A sexualidade faz parte da vida de todos os indivíduos e, embora muitas vezes velada ou mal resolvida, não podemos deixar de mencioná-la ou tentar ignorá-la. Para Sampaio et al. (2005), a educação sexual é a mais importante forma de prevenção de problemas ligados à saúde sexual e reprodutiva dos jovens. Constitui um processo contínuo e permanente de aprendizagem e socialização, que abrange a transmissão de informação e o desenvolvimento de atitudes e competências relacionadas com a sexualidade humana.

O fato de os jovens, atualmente, terem grande facilidade em obter informações sobre os mais variados temas não garante que eles escolham as informações corretas e, conseqüentemente, também não garante que suas escolhas sejam as mais adequadas. Por isso, a educação sexual poderá desempenhar um papel relevante na triagem desta informação, contribuindo para que seja utilizada da melhor forma (PISCALHO, 2000). A educação sexual não deve limitar-se a conhecimentos sobre os aspectos físicos do ato sexual, é essencial a abordagem de outros enfoques, como as questões sentimentais e afetivas (AQUILINO, 2000).

Quando se aborda a sexualidade com adolescentes, observa-se uma infinidade de ideias, perturbações, expectativas e dúvidas, que são manifestadas ao longo desta etapa da vida. Entretanto é justamente neste período que a educação sexual deve ser praticada, não de maneira superficial e confusa, mas de forma harmônica, saudável e contundente (CHARBONNEAU, 1979).

O despertar da sexualidade é algo que se constrói e se aprende ao longo da vida, pois faz parte do desenvolvimento do ser humano, motivo pelo qual ela pode interferir em todo o processo de formação da personalidade (ZAGURY, 2002). Especificamente na época da adolescência, o despertar da sexualidade se dá de maneira bastante diferenciada, marcada por características próprias. Nesta etapa, há uma busca pela determinação de valores, ideologias, estilo de vida e uma vulnerabilidade a certos problemas relacionados ao abuso de drogas, álcool e práticas sexuais desprotegidas (SIERRA, 2004).

No final dos anos 80, destacou-se o advento da AIDS e a precocidade da iniciação sexual entre adolescentes na última década. Vários estudos mostram que adolescentes com baixa escolaridade iniciam sua vida sexual mais cedo e possuem menor conhecimento sobre os métodos anticoncepcionais (ALMEIDA, 2003; AZEVEDO, 2001).

Ao se preocupar com a iniciação sexual, o Governo Federal já prevê a antecipação da Educação Sexual (NACIONAIS, 1998). Para o Ministério da Saúde, o público-alvo deixou de ser jovens dos 13 aos 24 anos, devendo ser priorizada a faixa etária dos 10 aos 15 anos, fase na qual o número de gestações não segue a tendência de queda do resto da população (SUWWAN, 2005).



O acesso à informação de boa qualidade e a disponibilidade de alternativas contraceptivas são aspectos fundamentais nos programas de planejamento familiar, destinados não apenas aos adolescentes, mas também à população em geral. O conhecimento inadequado sobre qualquer método anticoncepcional pode ser um fator de resistência à aceitabilidade e ao uso desse método. Da mesma forma, um alto nível de conhecimento sobre os contraceptivos não determinará nenhuma mudança de comportamento se estes não estiverem acessíveis à livre escolha dos adolescentes (ESPEJO et al., 2003). As diferenças socioeconômicas e culturais da população do país podem influenciar no conhecimento e no uso de métodos anticoncepcionais (CARLINI-COTRIM et al., 2000).

A partir desses pressupostos e considerando que o público-alvo se tratava de adolescentes do 1º ano do ensino médio de uma escola da rede pública do Recife-PE, a presente ação teve por objetivo a orientação e a sensibilização sobre temáticas como educação sexual, gravidez na adolescência, Infecções Sexualmente transmissíveis e machismo, por meio de recursos como questionário — para levantamento de conhecimentos prévios, folder, banner e vídeos.

2 Metodologia

O presente trabalho teve como público alvo estudantes do 1º ano do ensino médio, sendo possível atender 160 alunos do Liceu de Artes e Ofícios, localizado no município de Recife, PE. Através de palestras, foram trabalhados os temas norteadores: Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e gravidez na adolescência. Como temas transversais, foram abordados educação sexual e machismo.

A princípio, foi aplicado um questionário para levantamento de conhecimentos prévios, dispendo de 20 perguntas de resposta única, cujas variáveis foram **sim** e **não** (Tabela 1). Esse material visou à compreensão das concepções dos alunos e à busca por novas abordagens sobre os temas explorados.



● **Infecções Sexualmente Transmissíveis**

1. Você sabe o que são Infecções Sexualmente Transmissíveis?
 2. Você já ouviu falar em AIDS, gonorreia, HPV e sífilis?
 3. Você reconhece a importância de métodos contraceptivos (camisinha, DIU, pílula)?
 4. Você se sente motivado(a) a usar a camisinha?
 5. Você sempre usaria a camisinha?
-

● **Gravidez na adolescência**

6. Você acredita que a gravidez na adolescência possa estar relacionada com a pobreza?
 7. Você acredita que a gravidez na adolescência possa estar relacionada com a falta de informação?
 8. Você acha que a mulher se sente culpada pela gravidez durante a adolescência?
 9. Você conhece algum caso de gravidez entre jovens de 11 a 15 anos de idade?
 10. Você tem algum preconceito em relação a adolescentes grávidas?
-

● **Machismo**

11. Você sabe o que é machismo?
 12. Você acha que a mulher sofre por conta do machismo?
 13. Você já ouviu falar em masculinidade tóxica?
 14. Se você fosse uma mulher, você aceitaria ordens, sem questionamentos, do seu namorado ou marido?
 15. Você acha que o machismo pode contribuir para a disseminação de infecções sexualmente transmissíveis?
-

● **Educação sexual**

16. Você utiliza a internet para se informar sobre sexualidade?
 17. Você conversa com seus pais sobre sexo?
 18. Você acha que uma disciplina de Educação Sexual seria importante para a sua escola?
 19. Você já buscou se informar com algum professor sobre sexualidade?
-

Em qual disciplina? _____

Tabela 1: questionário investigativo para levantamento de conhecimentos prévios.

Fonte: elaboração própria.

Como recursos didático-pedagógicos, foram produzidos folders para cada temática trabalhada e dois banners, abordando os seguintes eixos: a) métodos contraceptivos e ações de

prevenção à gravidez na adolescência; e b) incidência das Infecções Sexualmente Transmissíveis na cidade do Recife e programas de prevenção. Os folders se constituíram como um recurso didático de aprendizagem e um meio não apenas de divulgação do projeto, como também de orientação para informações especializadas. Os banners foram distribuídos em diferentes repartições da escola, para informar e sensibilizar a comunidade escolar quanto aos temas norteadores — gravidez na adolescência e ISTs.

Também como recursos didático-pedagógicos, foram selecionados dois vídeos, como meios de demonstrar casos reais envolvendo os temas trabalhados ao longo das palestras. Esses vídeos tiveram as seguintes temáticas: gravidez na adolescência e educação sexual. Ambos foram desenvolvidos pela equipe jornalística do *Profissão Repórter* no ano de 2017 e 2019, respectivamente.

3 Resultados e discussão

Os dados apresentados no Gráfico 1 demonstram os conhecimentos prévios dos alunos referente à temática sobre educação sexual. Os resultados apontam que uma parcela significativa dos estudantes (95%) conhece o seu próprio corpo; que mais da metade (56%) dos discentes usa a internet para se informar sobre sexualidade; que a maioria dos alunos (64%) não conversa com os pais sobre sexo; que grande parte dos estudantes (96%) considera importante uma disciplina de Educação Sexual na escola; e que poucos discentes (33%) buscam se informar sobre sexualidade com algum professor — aqueles que buscam procuram os professores de Ciências, Biologia e Português.

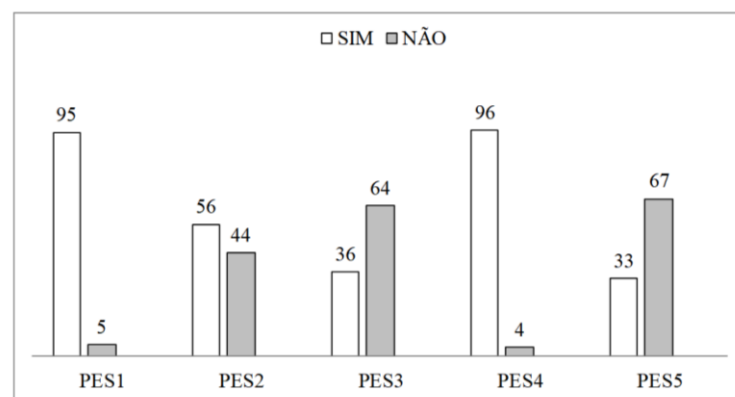


Gráfico 1: porcentagem dos resultados correspondentes a cada uma das perguntas do questionário investigativo sobre a temática: educação sexual, considerando as variáveis **sim** e **não**.

Legenda: PES1 – *Você conhece o seu corpo?* PES2 – *Você utiliza a internet para se informar sobre sexualidade?* PES3 – *Você conversa com seus pais sobre sexo?* PES4 – *Você acha que uma disciplina de Educação Sexual seria importante para a sua escola?* PES5 – *Você já buscou se informar com algum professor sobre sexualidade? Em qual disciplina?*

Fonte: elaboração própria.



A adolescência é um período muito especial no desenvolvimento humano, considerada a transição entre a infância e a idade adulta, caracterizada por intenso crescimento, que se manifesta por marcantes transformações anatômicas, fisiológicas, psicológicas e sociais (BRÊTAS et al., 2002). É a etapa da vida em que ocorrem a maturação sexual, o acirramento dos conflitos familiares e a formação tanto de valores quanto de comportamentos que determinarão sua vida (GURGEL et al., 2008).

As mudanças no comportamento dos adolescentes em relação à sexualidade exigem atenção cuidadosa por parte dos pais e profissionais, devido às conseqüências e aos impactos relacionados à saúde reprodutiva. O desenvolvimento da sexualidade torna-se importante para o crescimento do indivíduo em direção a sua vida adulta, para a inserção na estrutura social, para a determinação de sua autoestima e para o estabelecimento de suas relações afetivas (HERCOWITZ, 2002).

A sexualidade é um conceito amplo e histórico. É constituinte de todo ser humano e representado de forma variada, dependendo da cultura e do momento histórico social vivido. Ela, que detém componentes biológicos, psicológicos e sociais, expressa-se em cada indivíduo de modo peculiar, compreendidos, em sua subjetividade, modo coletivo, padrões sociais, entre outros, que são aprendidos e apreendidos durante a socialização (MAIA; RIBEIRO, 2011).

É possível observar que os jovens iniciam cada vez mais cedo sua vida sexual, sem compromisso e fidelidade, embora o acesso facilitado às informações tanto sobre o conhecimento do corpo quanto sobre a prevenção da gravidez e das IST's não garantem sua proteção. A família e a escola podem não estar desempenhando, de forma significativa, seu papel na orientação da vida sexual e reprodutiva de crianças e dos adolescentes (MOREIRA et al., 2010).

A educação sexual é prioritariamente uma competência da família, é peça chave na formação da identidade de gênero e no desempenho dos papéis sexuais de seus filhos. A família, mesmo que não dialogue abertamente sobre sexualidade, é quem dá as primeiras noções sobre o que é adequado ou não, por meio de gestos, expressões, recomendações e proibições (FONSECA, 2004).

A falta de liberdade acaba atrapalhando os adolescentes, pois nem sempre quem passa as informações são pessoas preparadas para que haja um aprendizado saudável e seguro. Muitos pais e filhos não se sentem à vontade para iniciarem um diálogo sobre sexualidade, os adolescentes temem que seus pais não aprovelem o assunto, e os pais se acham pouco preparados e tímidos para conversar, desconhecendo a importância desse gesto na vida deles (DIAS; GOMES, 2000).

Segundo Guimarães et al. (2003), a falta de oportunidade de ter um melhor conhecimento sobre a sexualidade em casa leva o adolescente a buscar informações em outros meios, como televisão, internet, revistas ou, ainda, na própria escola, uma vez que apresenta grande importância no repasse de conhecimentos sobre educação sexual.

No Gráfico 2, estão expostos os entendimentos dos estudantes sobre a temática gravidez na adolescência. Observa-se que a maioria dos alunos (80%) acredita que a gravidez na adolescência pode estar relacionada com a pobreza; que menos da metade (40%) dos discentes acha que a gravidez na adolescência pode estar relacionada com a falta de informação; e uma pequena parcela dos alunos (20%) considera a mulher como culpada pela gravidez. Um percentual significativo dos estudantes (98%) conhece algum caso de gravidez entre jovens de 11 a 15 anos de idade; e 86% não possuem preconceito em relação às adolescentes grávidas.

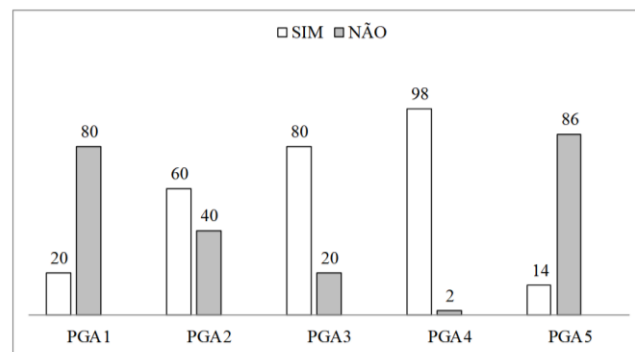


Gráfico 2: porcentagem dos resultados correspondentes a cada uma das perguntas do questionário investigativo sobre a temática: gravidez na adolescência, considerando as variáveis **sim** e **não**.

Legenda: PGA1 – *Você acredita que a gravidez na adolescência possa estar relacionada com a pobreza?* PGA2 – *Você acredita que a gravidez na adolescência possa estar relacionada com a falta de informação?* PGA3 – *Você acha que a mulher se sente culpada pela gravidez durante a adolescência?* PGA4 – *Você conhece algum caso de gravidez entre jovens de 11 a 15 anos de idade?* PGA5 – *Você tem algum preconceito em relação a adolescentes grávidas?*

Fonte: elaboração própria.

A gravidez na adolescência acontece desde os primórdios da civilização. A mulher começava a sua vida reprodutora muito próxima da puberdade, mas, atualmente, esse assunto tem sido apontado como um "problema social", pois parir antes dos 19 anos, há décadas, não se constituía uma questão de ordem pública. As alterações no padrão de fecundidade feminina brasileira, as redefinições na posição social da mulher, gerando novas expectativas para as jovens no tocante à escolarização, e o fato de a maioria dos nascimentos ocorrer fora de uma relação conjugal despertaram a atenção para esse fato (SANTOS; NOGUEIRA, 2009).

A gravidez inesperada nessa fase da vida vem acompanhada de dificuldades que podem ocasionar um desvio ou transtorno para o adolescente, inclusive na sua vida escolar. Embora a



maioria das meninas tenha informações sobre gravidez e contracepção através da mãe, a escola desempenha um papel fundamental nesse processo (CARVALHO; MATSUMOTO, 2008).

Diversos fatores concorrem para a gestação na adolescência. No entanto a desinformação sobre sexualidade e sobre direitos tanto sexuais quanto reprodutivos é o principal motivo. Questões emocionais, psicossociais e contextuais também contribuem, inclusive para a falta de acesso à proteção social e ao sistema de saúde (EISENSTEIN et al., 2009).

De acordo com Nogueira (2009), nem sempre a falta de informação é fator predominante para que as meninas engravidem mais cedo: grande parte dos jovens sabe o que são pílulas e camisinhas, mas não necessariamente usam esse conhecimento em seu benefício. Para Gurgel et al. (2008), a gravidez na adolescência ocorre, em sua grande maioria, devido a não utilização de métodos contraceptivos ou pela utilização incorreta.

Os adolescentes, em especial as meninas, tendem a se preocupar com o uso de preservativos nas relações sexuais. Os meninos tendem a deixar as responsabilidades de prevenção sobre a gravidez não planejada para as meninas e, muitas vezes, não querem fazer uso de camisinha (HUGO et al., 2011; BEZERRA et al., 2015)

Entre os motivos mencionados pelas adolescentes quanto ao não uso da concepção, encontra-se dificuldade de diálogo com o parceiro; não valorização das chances de engravidar; esquecimento; assim como qualidade e/ou inadequação da informação não apenas a respeito de contracepção e reprodução, mas também sobre o uso correto dos métodos anticoncepcionais (VIEIRA et al., 2006).

No Brasil, são altos os índices de gravidez precoce em relação à faixa etária. Dados do Ministério da Saúde (MS) revelam que, em 2014, nasceram 28.244 filhos de meninas entre 10 e 14 anos; e 534.364 filhos de mães com idades entre 15 e 19 anos. Em 2015, 18% dos brasileiros nascidos vivos eram filhos de mães adolescentes. A maior incidência desse tipo de gravidez está nas regiões cujos grupos sociais apresentam menor poder econômico e baixa escolaridade (ALMEIDA, 2020).

Apesar de todo um contexto, as adolescentes continuam engravidando, o que gera implicações sociais, psíquicas e econômicas. Sociais porque elas, geralmente, abandonam os estudos devido à gravidez; psíquicas porque ainda não estão emocionalmente prontas para assumir uma gravidez; e econômicas porque quase sempre as famílias assumem a criança e a mãe, adolescente, aumentando as despesas da casa (SANTOS; NOGUEIRA, 2009).

As concepções dos discentes sobre as IST's estão projetadas no Gráfico 3. Os resultados mostram que um maior número de estudantes (97%) sabe o que são IST's; já ouviu falar de AIDS, gonorreia, HPV e sífilis (99%); reconhece a importância de métodos contraceptivos

(camisinha, DIU, pílula) (99%) e se sente motivado a usar a camisinha (80%). No entanto apenas um pouco mais da metade dos alunos (56%) usaria a camisinha em todas as relações sexuais.

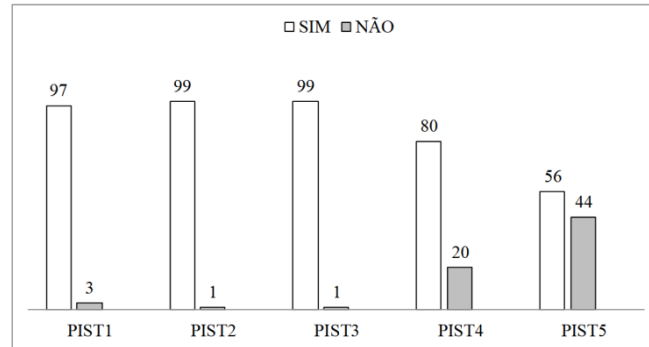


Gráfico 3: porcentagem dos resultados correspondentes a cada uma das perguntas do questionário investigativo sobre a temática: Infecções Sexualmente Transmissíveis, considerando as variáveis **sim** e **não**.

Legenda: PIST1 – *Você sabe o que são Infecções Sexualmente Transmissíveis?* PIST2 – *Você já ouviu falar em AIDS, gonorreia, HPV e sífilis?* PIST3 – *Você reconhece a importância de métodos contraceptivos (camisinha, DIU, pílula)?* PIST4 – *Você se sente motivado(a) a usar a camisinha?* PIST5 – *Você sempre usaria a camisinha?*

Fonte: elaboração própria.

O início da vida sexual precoce entre os jovens os deixam vulneráveis a contrair IST's. De acordo com Nader (2009), apesar de existir divulgação, pelos meios de comunicação, da importância do uso do preservativo, muitos adolescentes ainda são resistentes ao uso, isso sugere insuficiência de conhecimento, por parte dos mesmos, a respeito do HIV e de outras IST's.

Apesar de os adolescentes possuírem informações sobre os métodos de prevenção, ainda existe uma lacuna entre o conhecimento e o uso, que, por muitos motivos, não são transformados em ação efetiva. Isso indica que o conhecimento, por si só, não é responsável pela mudança de atitude e pela adoção de comportamentos saudáveis, uma vez que diversos fatores — como pressão de grupos, crenças e valores sociais e individuais — interferem na tomada de decisão (JARDIM; BRÊTAS, 2006).

A ideia de não usar a camisinha em todas as relações sexuais mostra que a utilização do preservativo também está associada a parceiros ocasionais. Assim, observa-se que o tipo de envolvimento afetivo, como o status de relacionamento "ficar" ou namorar, pode interferir nesse uso, e a camisinha, além de ser vista como uma barreira ao prazer sexual, pode estar associada à infidelidade ou à desconfiança, sendo utilizada apenas em relacionamentos com parceiros "não conhecidos" (OTTONI et al., 2012).

Dados revelam que, no Brasil, nos últimos 10 anos (2008 a 2018), houve uma variação de casos registrados de HIV/AIDS. A maior concentração abrange indivíduos com idade entre 25 e

39 anos para ambos os sexos, porém 108.125 dos casos aconteceram no grupo entre 15 e 24 anos. Nesse período, houve um aumento da taxa de detecção entre os jovens do sexo masculino com idades de 15 a 19 anos e de 20 a 24 anos, de 62,2% e 94,6%, respectivamente; enquanto, no sexo feminino, essa taxa apresentou uma queda — 68,8% e 62,5%, respectivamente (BRASIL, 2019).

Existe uma necessidade eminente de um reforçar, cada vez mais, as concepções dos jovens sobre IST's e HIV/AIDS, o que possibilitará o desenvolvimento de um processo de reflexão e ação do adolescente, reduzindo sua vulnerabilidade a essas enfermidades (PILECCO et al., 2011). Uma dessas ações é realizada pela escola, que, na maioria das vezes, é apontada como um importante ambiente social para veicular informação sobre formas de evitar e de se proteger das IST's (ALTMANN, 2001).

O Gráfico 4 apresenta as informações referentes à compreensão dos discentes sobre machismo. Um percentual significativo dos alunos (97%) sabe o que significa machismo, e 98% revelam que as mulheres sofrem por conta dele. A maioria dos estudantes (67%) já ouviu falar sobre masculinidade tóxica, e 74% acreditam que o machismo pode contribuir para a disseminação de IST's. Nenhum dos discentes aceitaria ordens, sem questionamentos, do seu namorado ou marido.

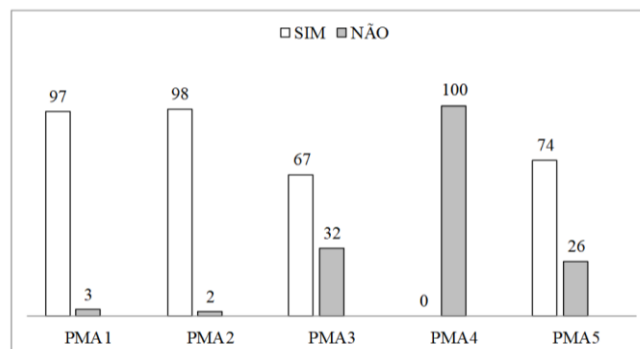


Gráfico 4: porcentagem dos resultados correspondentes a cada uma das perguntas do questionário investigativo sobre a temática: machismo, considerando as variáveis **sim** e **não**.

Legenda: PMA1 – *Você sabe o que é machismo?* PMA2 – *Você acha que a mulher sofre por conta do machismo?* PMA3 – *Você já ouviu falar em masculinidade tóxica?* PMA4 – *Se você fosse uma mulher, você aceitaria ordens, sem questionamentos, do seu namorado ou marido?* PMA5 – *Você acha que o machismo pode contribuir para a disseminação de infecções sexualmente transmissíveis?*

Fonte: elaboração própria.

De acordo com as transformações fisiológicas e psicológicas, somadas aos aspectos culturais, o adolescente desenvolve sua sexualidade por meio das construções sociais (BRÊTAS et al., 2011). Alguns estudos evidenciam que os adolescentes do sexo masculino apresentam vulnerabilidades ancoradas nas crenças da soberania hegemônica masculina, ou seja, o



machismo construído e sustentado pela sociedade ao longo das décadas (DIAS et al., 2010; MARQUES JR. et al., 2012).

Desde o início da adolescência, os meninos são mais estimulados sexualmente que as meninas — a virgindade masculina pode ser vista como algo vergonhoso, o que pode estimular o adolescente do sexo masculino a iniciar sua vida sexual de forma precoce e ter múltiplas parceiras sexuais como forma de mostrar para a sociedade que já é homem, enquanto, para as meninas, a virgindade é algo que deve ser preservado, sendo que a primeira relação sexual deve ocorrer quando estiver em um relacionamento estável (GODOI; BRÊTAS, 2015).

Apesar das pressões, a gravidez passou a ser vista como a maior preocupação dos adolescentes, o que contribui para que a prevenção das IST's fique em segundo plano. Os meninos tendem a deixar a responsabilidade sobre os métodos de prevenção para as meninas, uma vez que elas têm que negociar com seus parceiros o uso de preservativos, são as responsáveis pela reprodução e, ainda, as mais afetadas pelas responsabilidades de um filho (GODOI; BRÊTAS, 2015; BEZERRA et al., 2015).

Embora a sexualidade seja discutida com mais naturalidade, até o presente momento é perceptível a concepção machista na sociedade. Pensamentos como “a mulher adequada para ter uma relação estável é aquela que espera atingir a maioridade para ter sua primeira relação sexual” ainda são observados. Segundo Anjos et al. (2012), para a mulher, a vulnerabilidade aumenta devido à falta de poder de negociação e controle sobre a relação. Para o homem, a pressão social para estar sempre pronto para o sexo aumenta sua vulnerabilidade, assumindo um papel de descontrole sobre seus impulsos.

4 Considerações finais

Diante desse contexto, é possível observar que os adolescentes enfrentam diversas dúvidas e inquietações relacionadas à sexualidade e à prática sexual. Essas incertezas, inclusive posturas machistas, são apresentadas como norma social. As instituições sociais, muitas vezes, contribuem para confundir ainda mais o pensamento dos adolescentes, deixando-os à mercê do senso comum, dos preconceitos e da falta de reflexão.

A escola é apontada como um importante meio para veicular e motivar os estudantes a buscarem informações sobre educação sexual. Na ausência de diálogos entre pais e adolescentes — por medo, por vergonha de serem mal interpretados ou por se considerarem jovens demais para procurar ajuda médica —, reincide, nas escolas, a responsabilidade de orientar estes jovens.



O excesso de informação, associado à liberdade recebida, leva os adolescentes à banalização de alguns assuntos, como a sexualidade. Essa liberação sexual, acompanhada de certa falta de responsabilidade, acaba favorecendo as incidências dos problemas ligados à saúde.

Sendo assim, há uma necessidade de repensar o papel das instituições (familiar e escolar) no desenvolvimento sobre educação sexual e na promoção à saúde ligada ao prazer e ao bem estar do adolescente, que contribui para uma vida sexual saudável tanto física como emocionalmente, reduzindo o número de IST's e de gravidezes não planejadas nesse grupo populacional.

Além disso, necessita-se propor ações eficientes, que viabilizem construir e reconstruir conhecimentos que favoreçam a prevenção, na tentativa, também, de corresponsabilizar os adolescentes por seus atos e suas atitudes; refletir sobre as representações impostas pela sociedade; e discutir os direitos e a igualdade entre os gêneros.

Referências

ALMEIDA, M. C. C. de et al. Uso de contracepção por adolescentes de escolas públicas na Bahia. **Revista de Saúde Pública**, v. 37, n. 5, p. 566-575, 2003.

ALMEIDA, T. **Maternidade: quase metade das gravidezes não são planejadas**. 2016. Disponível em: <https://brazil.unfpa.org/pt-br/news/maternidade-quase-metade-das-gravidezes-n%C3%A3o-s%C3%A3o-planejadas>. Acesso em: 03/03/2020.

ALTMANN, H. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 575-585, 2001.

ANJOS, R. H. D. dos; SILVA, J. A. de S.; VAL, L. F. do; RINCON, L. A.; NICHATA, L. Y. I. Diferenças entre adolescentes do sexo feminino e masculino na vulnerabilidade individual ao HIV. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 46, n. 4, p. 829-837, 2012.

AQUILINO, M. L.; BRAGADOTTIR, H. Adolescent pregnancy: Teen perspectives on prevention. **MCN: The American Journal of Maternal/Child Nursing**, v. 25, n. 4, p. 192-197, 2000.

AZEVEDO, M. R. D. Educação sexual: uma questão em aberto. **Adolescência: prevenção e risco**. São Paulo: Atheneu, p. 129-43, 2001.

BEZERRA, E. O.; PEREIRA, M. L. D.; CHAVES, A. C. P.; MONTEIRO, P. de V. Representações sociais de adolescentes acerca da relação sexual e do uso do preservativo. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 36, n. 1, p. 84- 91, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Boletins Epidemiológicos – Linha do tempo, 2019**. Brasília: Ministério da Saúde; 2019.

BRÊTAS, J. R. da; QUERINO, I. D.; CINTRA, C. C.; FERREIRA, D.; CORREA, D. S. Compreendendo o interesse de adolescentes do sexo masculino e feminino sobre corpo e sexualidade. **Temas Sobre Desenvolvimento**, v. 11, n. 64, p. 20-29, 2002.

BRÊTAS, J. R. da S.; OHARA, C. V. da S.; JARDIM, D. P.; AGUIAR JUNIOR, W.; OLIVEIRA, J. R. de. Aspectos da sexualidade na adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, n. 7, p. 3221-3228, 2011

CARLINI-COTRIM, B.; GAZAL-CARVALHO, C.; GOUVEIA, N. Health behavior among students of public and private schools in the metropolitan area of Sao Paulo, Brazil. **Revista de saúde pública**, v. 34, n. 6, p. 636-645, 2000.

CARVALHO, M. B. de; MATSUMOTO, L. S. Gravidez na adolescência e a evasão escolar. *In*: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense, 2008**. Curitiba: SEED/PR, 2011. V.1. (Cadernos PDE). Disponível em: <www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=20>. Acesso em 03/03/2020. ISBN 978-85-8015-039-1.

CHARBONNEAU, P. E. **Educação sexual: seus fundamentos e seus processos**. Editora Pedagógica e Universitária, 1979.

DIAS, A. C. G; GOMES, W. B. Conversas, em família, sobre sexualidade e gravidez na adolescência: percepção das jovens gestantes. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 13 n. 1, p. 109-125. 2000.

DIAS, F. L. A.; SILVA, K. L. da; VIEIRA, N. F. C.; PINHEIRO, P. N. da C.; MAIA, C. C. Riscos e vulnerabilidades relacionados à sexualidade na adolescência. **Revista Enfermagem UERJ**, v. 18, n. 3, p. 456-461, 2010.

EISENSTEIN, E.; ROSSI, C. R. V.; MARCONDELLI, J.; WILLIAMS, L. Binômio mãe-filho, prevenção e educação em saúde. *In*: MONTEIRO, D. L. M.; TRAJANO, A. J. B.; BASTOS, A. C.: **Gravidez e Adolescência**. Revinter Ed, Rio de Janeiro, 2009, p 39-49.

ESPEJO, X.; TSUNECHIRO, M. A.; OSIS, M. J. D.; DUARTE, G. A.; BAHAMONDESE, L.; SOUSA, M. H. Adequação do conhecimento sobre métodos anticoncepcionais entre mulheres de Campinas, São Paulo. **Revista de Saúde Pública**, v. 37, n. 5, p. 583-90, 2003.

FONSECA, H. Abordagem sistêmica em saúde dos adolescentes e suas famílias. **Adolescência & Saúde**, v. 1, n. 3, p. 6-11, 2004.

GODOI, A. M. L. de; BRÊTAS, J. R. da S. A prática do sexo seguro no cotidiano de adolescentes. **Revista da Sociedade Brasileira de Enfermeiros Pediatras**, v. 15, n. 2, p. 114-123, dez. 2015.

GUIMARÃES, A. M. A. N.; VIEIRA, M. J. ; PALMEIRA, J. A. Informações dos adolescentes sobre métodos anticoncepcionais. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 11 n. 3, p. 293-298, 2003.

GURGEL, M. G. I.; ALVES, M. D. S.; VIEIRA, N. F. C.; PINHEIRO, P. N. da C.; BARROSO, G. T. Gravidez na adolescência: tendência na produção científica de Enfermagem. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 12, n. 4, p. 799-805, 2008.

HERCOWITZ, A. Gravidez na adolescência. **Pediatria moderna**, v. 38, n. 8, p. 392-395, 2002.

HUGO, T. D. de O; et al. Fatores associados à idade da primeira relação sexual em jovens: estudo de base populacional. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 27, n. 11, p. 2207-2214, 2011.

JARDIM; D. P.; BRÊTAS, J. R. da S. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira – SP. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 58, n. 2, p. 157-162, 2006.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Educação sexual: princípios para ação. Doxa: **Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, v. 15, n. 1, p. 75-84, 2011.

MARQUES JÚNIOR, J. S.; GOMES, R.; NASCIMENTO, E. F. do. Masculinidade hegemônica, vulnerabilidade e prevenção ao HIV/AIDS. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 2, p. 511-510, 2012.

MOREIRA, R. de C. R.; COSTA, J. R. A.; LOPES, R. L. M.; FREITAS, M. Y. G. S.; SOUZA, L. O.; CARVALHO, M. de A. S. Gravidez na adolescência e vida escolar: experiências de alunas de uma escola pública. **Revista de Enfermagem UFPE on line**, v. 4, n. 2, p. 524-532, 2010.

NACIONAIS, INTRODUÇÃO AOS PARÂMETROS CURRICULARES. Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental. **Brasília: MEC-Secretaria de Educação Fundamental**, 1998.

NADER, S. S.; GERHARDT, C. R.; NADER, P. de J. H.; PEREIRA, D. N. Juventude e AIDS: conhecimento entre os adolescentes de uma escola pública em Canoas, RS. **Revista da AMRIGS**, v. 53, n. 4, p. 374-381, 2009.

NOGUEIRA, J. M.; SILVA, B. F. A. da; BARCELOS, S. M.; SCHALL, V. T. Análise da distribuição espacial da gravidez adolescente no Município de Belo Horizonte - MG. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 12, n. 3, p. 297-312, 2009.

OTTONI, J. L. M.; LEITE, M. T. de S.; SILVA, J. P. L. da; PAULINO, C. V.; PIRES, I. F. B.; RODRIGUES, C. A. Q. Características epidemiológicas de adolescentes grávidas em uma estratégia de saúde da família, em Montes Claros - MG. **Revista de APS – Atenção Primária à Saúde**, v. 15, n. 1, p. 21-18, 2012.

PILECCO, F. B.; KNAUTH, D. R.; VIGO, A. Aborto e coerção sexual: o contexto de vulnerabilidade entre mulheres jovens. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 27, n. 3, p. 427-439, 2011.

PISCALHO, I.; SERAFIM, I.; LEAL, I. Representações sociais da educação sexual em adolescentes. *In: Actas do 3º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde. Lisboa: ISPA. 2000.*

SAMPAIO, D.; BAPTISTA, M. I.; MATOS, M. M. G.; SILVA, M. O. Grupo de Trabalho de Educação Sexual. **Educação para a saúde: relatório preliminar**. [Internet]. Lisboa: Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. Ministério da Educação; 2005.

SANTOS, C. A. C. dos; NOGUEIRA, K. T. Gravidez na adolescência: falta de informação?, **Adolescência & Saúde**, v. 6, n. 1, p. 48-56, 2009.

SIERRA, A. **Educação da sexualidade**. Ponta Grossa: UEPG, 2004.

SUWWAN, L. Aluno de 10 anos receberá educação sexual, afirma nova política federal. **Folha de São Paulo**, v. 16, 2005.

VIEIRA, L. M.; SAES, S. O.; DÓRIA, A. A. B.; GOLDBERG, T. B L. Reflexões sobre a anticoncepção na adolescência no Brasil. Recife: **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 6, n. 1, p. 135-140, 2006.

ZAGURY, T. **O adolescente por ele mesmo**. 13 ed. Rio de Janeiro: Record; 2002.

Preventive action against Sexually Transmitted Infections and Teen Pregnancy among Basic Education students

Abstract

In Brazil, Sexually Transmitted Infections (STIs) and Teen Pregnancy are social and public health dilemmas. Considering this assumption, this action sought to guide, sensitize and stimulate the experience of safe sexual practices and to promote family planning, through lectures on Sexual Education, Teen Pregnancy, STIs and Machismo. Informative folders, awareness banners and videos to exemplify real cases were the main resources made available to basic education students at a state school in the city of Recife, PE. It was found that actions like this prevent the incidence of risk behaviors among adolescents.

Keywords

Basic education; Teenage pregnancy; Sexually Transmitted Infections

Acción preventiva contra las infecciones de transmisión sexual y el embarazo adolescente en estudiantes de educación básica

Resumen

En Brasil, las infecciones de transmisión sexual (ITS) y el embarazo adolescente son dilemas sociales y de salud pública. Considerando esta suposición, esta acción buscó guiar, sensibilizar y estimular la experiencia de prácticas sexuales seguras y promover la planificación familiar, a través de conferencias sobre educación sexual, embarazo adolescente, ITS y machismo. Carpetas informativas, pancartas de concientización y videos para ejemplificar casos reales fueron los principales recursos disponibles para estudiantes de educación básica en una escuela estatal en la ciudad de Recife, PE. Se encontró que acciones como esta previenen la incidencia de conductas de riesgo entre los adolescentes.

Palabras clave

Educación básica; Embarazo en la adolescencia; Infecciones de transmisión sexual